

O Leite de Santa Maria: uma leitura das “Cantigas de Santa Maria” de Afonso X, O Sábio

Ângela Vaz Leão
Universidade Federal de Minas Gerais

Várias são as origens dos mitos e crenças que, durante a Idade Média, povoaram o imaginário popular no noroeste da Península Ibérica. Alguns, de fundo pagão, provinham ora da mitologia greco-romana, trazida pelos conquistadores latinos, ora da mitologia céltica, ali presente desde a pré-história. Qualquer que fosse a sua proveniência, esses mitos se mesclaram com outros, de origem semítica, cristalizados na *Bíblia (Antigo e Novo Testamento)* e veiculados pelo Cristianismo.

É natural que esse imaginário tivesse passado à literatura, sob a forma de personagens, temas e motivos. Foi, aliás, o que ocorreu na Baixa Idade Média em toda a Europa ocidental, conforme nos atestam as diferentes literaturas românicas, escritas nos vernáculos emergentes. Neste trabalho, entretanto, só nos interessa a península do extremo ocidental europeu, a *Hispania*, como fora chamada pelos romanos, e, ainda assim, apenas uma parte dela, isto é, três de seus reinos cristãos, o de Portugal, expansão da antiga *Lusitânia*, o de Leão e o de Castela, com destaque para o noroeste leonês, constituído pela Galiza, antiga *Gallaecia*.

Aliás, Portugal e Galiza tinham uma cultura muito próxima, na qual se incluía a língua comum que veio a ser o galego-português. A separação dos dois codialetos, que já se anunciava pelas variações dialectais, só começou a efetivar-se a partir da independência de Portugal, em meados do século XII. Isso, no uso oral. Porque, na literatura, a língua veicular da poesia lírica, por mais de um século ainda, permaneceu sendo o galego-português, cujo prestígio lhe assegurou o uso fora de seus limites territoriais.¹

Afonso X, o Sábio, rei de Leão e Castela, confirmou a importância dessa língua. Pois, embora tivesse o castelhano como língua materna, foi no galego-português que compôs cantigas de amor e cantigas de escárnio, além de suas *Cantigas de Santa Maria*, o maior e mais rico cancionero mariano de toda Idade Média. É uma coletânea de mais de quatrocentos poemas, com as respectivas iluminuras e partituras musicais, conservadas, em número e forma desiguais, em quatro

¹ No século XV, o Marquês de Santillana em carta a Dom Pedro, Condestável de Portugal, dizia que, não fazia muito tempo, os trovadores de Espanha, quer “*fuesen Castellanos, Andaluces ó de la Extremadura todas sus obras componían en lengua gallega ó portuguesa*” (apud MARTINS, 1957).

manuscritos.² O tema constante desse cancionero é Santa Maria, com seus milagres e com suas qualidades extraordinárias, que se condensam numa única expressão: Mãe-de-Deus.

A força do culto mariano se explica, entre outras causas, pela sua associação ao mito feminino, presente em religiões pré-históricas e atestado por estatuetas de mulheres nuas, muitas vezes estilizadas e com seus órgãos sexuais exagerados, tais como se encontraram em várias escavações, sobretudo no Oriente Médio. Eram imagens da Grande-Mãe, cujo culto a identificava às vezes com a terra e que assim se espalhou pelo Mediterrâneo. Segundo Bernardo Monteiro de Castro, em *Sexo, diabo e loucura nas Cantigas de Santa Maria* (1996), o fato de a Grande-Mãe ter dado à luz o universo sugere que era virgem, e isso favorece a inclusão de Maria no mesmo mito:

O mito de Maria, que concebeu virgem, faz parte da categoria das grandes-mães e deve ter sofrido fortes influências pagãs, principalmente para ter adquirido um status tão importante no Ocidente. (op.cit., p. 42)

É fora de dúvida que esse culto existiu no noroeste hispânico, região que aqui nos interessa. O grande etnólogo e filólogo português Leite de Vasconcelos, na sua obra *Religiões da Lusitânia* (1905), refere-se a uma inscrição rupestre que, apesar de situada em Castela-a-Velha (Coruña del Conde), menciona as “Deusas-Mães galegas”. Diz a inscrição latina, na sua tradução: “Tito Fraterno cumpriu de boa mente a promessa que havia feito às ‘Deusas-Mães galegas’” (v.2, p.177).

É nesse clima e nesse chão da *Hispania* que, no correr da Idade Média, toma força a doutrina cristã, cuja figura central, o Cristo, ganhara a natureza humana no ventre de uma virgem, Maria.

Ao fascínio exercido pela figura de uma mãe que traz ao mundo o próprio Filho de Deus conservando-se virgem, soma-se o prestígio das antigas “Deusas Mães galegas”, cujo culto extrapolava os limites indicados pelo adjetivo e se estendia a todo o território peninsular. Assim reforçado, o culto mariano vai crescendo e chega ao apogeu no século XIII, quando a Virgem encontra no rei D. Afonso X o seu mais fecundo e fervoroso trovador.

No cancionero sacro do Rei Sábio, Santa Maria é identificada e louvada não só pelos milagres que opera, mas também por vários traços que lhe são peculiares e exclusivos, tais a concepção de um filho sem qualquer contato masculino, a gravidez e o parto em estado de virgindade, e a missão de criar o menino com seu leite, funções reconhecidas como essencialmente femininas. Aliás, o topos da maternidade virginal, simbolizado universalmente pela imagem do raio

2 Dos quatro manuscritos, de extensão desigual, dois pertencem atualmente à Biblioteca do Escorial (códice E.j.b.2 e códice T.j.1), um à Biblioteca Nacional de Madrid, originalmente da igreja de Toledo (códice To. 103.23) e um à Biblioteca Nacional de Florença (códice F II, I, 215). A PUC Minas possui os fac-símiles do manuscrito escorialense T.j.1 e do manuscrito florentino F, que são complementares.

de luz que atravessa a vidraça sem quebrá-la, continuou fecundo em vários momentos da literatura, do que é exemplo a quadra seguinte, do século XVII, atribuída ao Pe. Manuel Bernardes:

No ventre da Virgem bela,
encarnou Jesus por graça:
entrou e saiu por ela
como o sol pela vidraça.

Dentro dessa perspectiva, a minha leitura assídua das *Cantigas de Santa Maria* despertou-me a atenção para a importância do aleitamento de um menino-deus em seio de mulher, para que ele pudesse crescer e vir a assumir a sua plena condição de homem. Nos poemas afonsinos, as palavras “leite” e “tetas”³ aparecem com insistência em várias expressões que definem ou caracterizam a Virgem.

Em algumas cantigas, o leite exerce o papel de índice duplamente significativo. Por um lado, ele aponta para a natureza divina da maternidade de Maria, já que ela trouxe para a luz o próprio Filho de Deus e com o seu leite lhe manteve a vida. Por outro lado, ele comprova a natureza humana do Cristo, que, como toda criança, precisou de leite de mulher para crescer. Essa importância do aleitamento do Filho de Deus por Santa Maria é atestada não só através da narrativa verbal de alguns milagres, mas também através da narrativa visual, feita pelas iluminuras. Podem ocorrer até vinhetas que mostram a Virgem amamentando o menino Jesus, sem ter nenhuma relação aparente com o assunto narrado.

Ainda quando o leite não é o instrumento de um milagre, ele é mencionado no refrão ou em uma das estrofes de certas cantigas. Pode aparecer como integrante de uma antonomásia que designa Santa Maria, ou como um motivo poético dentro de um dos episódios da cantiga.

Assim, na Cantiga nº. 77, logo no refrão, a Virgem não é nomeada diretamente, mas pela antonomásia “a que Deus mamou o leite do seu peito”. E esse privilégio explica o poder que ela tem de curar paralíticos. Eis o refrão:

*Da que Deus mamou o leite do seu peito
non é maravilha de sãar contreiro* (ctg.77, v. 3-4)⁴

[Aquele que amamentou Deus em seu peito,
não é de admirar que ela cure um paralítico.]⁵

3 A palavra “teta”, hoje mais usada em relação a animais como a vaca, no galego-português era usada normalmente, sem nenhuma diminuição ou ironia, para designar o seio ou a glândula mamária da mulher.

4 Todas as citações das Cantigas de Santa Maria são feitas a partir da edição de Walter Mettman, em 3 volumes, (Madrid: Castalia 1986-89). A numeração dos versos, que aqui aparece entre parênteses depois de cada citação, acompanha a numeração marginal da edição citada. Mas como aqui não se repete o texto do refrão entre as estrofes, pode ocorrer que a numeração resulte ligeiramente superior ao número de versos citados.

5 Após cada citação das Cantigas, lê-se uma tradução livre, entre colchetes.

Nesse milagre, que se passa em Lugo, na Galiza, não há interferência do leite, como instrumento da cura. Mas, como o poema se compõe de oito estrofes e o refrão que o inicia se repete após cada estrofe, a menção ao leite da Virgem acaba repetindo-se por nove vezes, de modo a impressionar os ouvintes, durante a audição da cantiga.

Também na Cantiga nº. 35, o leitor acompanha a narrativa de uma série de episódios milagrosos iniciados pelo incêndio de uma igreja em “Leon do Rodão”, isto é, na cidade de Lyon banhada pelo rio Ródano, na França. O fogo destrói toda a igreja, poupando apenas as relíquias da Virgem que lá havia, entre elas um pouco do seu leite, conforme se lê na quarta estrofe:

*Ca avia y do leyte da Virgem esperital
otrossi dos seus cabelos envoltos en um cendal,
tod' aquest' em hua arca feita d'ouro, ca non d'al;
estas non tangeu o fogo, mai-lo-al foi todo arder.
(ctg.35, v. 20-23)*

[Pois havia ali (na igreja) do leite da Virgem espiritual,
e também dos seus cabelos, envoltos em fino véu,
tudo isso em uma arca feita de ouro, e não de outra coisa;
estas (reliquias) o fogo não tocou, mas todo o resto fez arder.]

Os clérigos, certos do poder daquelas relíquias da Virgem, decidiram ir pelo mundo com elas, mostrando-as e ganhando dinheiro para refazer a sua igreja. Na sequência dos episódios, Santa Maria opera três ou quatro milagres em terra e no mar, sempre através da simples exibição das relíquias, isto é, de seus cabelos e seu leite.

A Cantiga nº 138 tem como personagem “San Joan Boca-d’Ouro”, isto é, São João Crisóstomo, a quem os gentios arrancaram os olhos, expulsando-o da terra, por ele louvar a Virgem. Cego, ele caiu dentro de uma moita de espinheiro, de onde a Virgem, invocada, o retirou. O pobre homem pediu então uma graça a Santa Maria: que ela lhe mostrasse aquilo que seu Filho mais amara na sua passagem pela terra. Santa Maria desaparece, mas na noite seguinte volta com seu Filho nos braços. A visão mostra ao Santo uma cena em que o Menino Jesus passava a mãozinha pelos seios da mãe, e depois de mamar bastante, a beijava em agradecimento. Eis como o Poeta narra o episódio:

*Enton a Virgen d'ant' ele se tolleu
mais aa outra noite ll'apareceu
com seu Fill' em braços, e viu en vijon*

*que pelas tetas, como menyo faz,
tragia sas mãos come a quen praz
de mama-las; e pois mamava assaz,
beijava sa madre polo galardon.
(ctg. 138, v. 53 – 60)*

[Então a Virgem desapareceu da sua frente;
mas na outra noite lhe apareceu
com seu Filho nos braços, e (o Santo) viu, nesta visão,

que pelos seios, como faz qualquer menino,
de mamar neles; e depois de ter mamado bastante,
beijava sua mãe pela dádiva.]

Ao mesmo tempo que tem essa visão, o Santo recupera os olhos que lhe haviam sido arrancados e passa a enxergar. E Santa Maria lhe explica a razão pela qual seus seios foram a coisa mais amada por seu Filho, na sua passagem sobre a terra: aquelas “tetas” o nutriam, e graças àquele leite Ele se criou. É o que se lê em duas estrofes do poema:

*Quand’ esto foy, San Joan enton cobrou
seus olhos e viu; e logo o chamou
a Virgen e disse: “Desto se pagou
meu Fillo mais d’al, e com mui gran razon;*

*Ca estas tetas lo criaron tan ben
como aa sa carne mui nobre conven;
e porende as amou mais d’ outra ren,
porque destas tetas ouv’el criaçon”.*
(op. cit. v. 62 – 70)

[Quando isso aconteceu, São João então recuperou os seus olhos e enxergou; e logo o chamou a Virgem dizendo: “Disto gostou meu filho mais do que de tudo, e com grande razão;

Pois estes seios o criaram tão bem como convém à sua carne muito nobre, e por isso (Ele) os amou mais que tudo, porque destes seios ele recebeu criação.]

Em algumas cantigas finais da coleção, com numeração acima de 400, o leite de Santa Maria aparece ainda como um dos motivos poéticos explorados pelo régio trovador.

A Cantiga nº. 413, que é a terceira cantiga das festas de Santa Maria, celebra a sua virgindade e situa a festa no mês de dezembro. Em síntese, diz o poema que Maria foi Virgem porque Deus do céu assim o quis, a fim de que nela ele pudesse encarnar; e ela engravidou virgem e continuou virgem mesmo após o parto. O poeta se admira e se pergunta: quem poderia imaginar tudo isso junto, em corpo de mulher? Leiamos o fragmento interrogativo da cantiga:

(...) Queno cuidaria

*que aquestas cousas de suu juntadas
fossen, e en corpo de moller achadas,
que ouuess’ as tetas de leit’ avondadas,*

e pariss', e fosse virgen todavia?
(ctg. 413, v. 13-18)

[(...) Quem poderia imaginar

que estas coisas em uma só juntadas
fossem, e achadas em corpo de mulher,
que tivesse os seios entumecidos de leite,
e parisse, e ainda se conservasse virgem?]

A Cantiga nº. 420 canta o louvor entoado pelas procissões do céu para receber Santa Maria quando esta lá chegou. O poema não traz refrão. Compõe-se de 74 alexandrinos (segundo a contagem da época), divididos em 6 estrofes de 12 versos. E termina com uma *fiida* de dois versos. O *Leit-motiv* é o louvor, expresso em numerosas orações optativas iniciadas pela palavra *bēeyto* /*bēeyta*, que aparece em 37 versos sobre 76. Os coros celestes bendizem a Virgem, celebrando-a desde a hora em que foi gerada sem pecado até a sua subida ao céu em corpo e alma. E a benção recai primeiro sobre a “teta” de que a própria Virgem mamara, isto é, o seio de Sant’ Ana:

E beeytos los panos u fust' envurullada
e outrossi a teta que ouviste mamada
(ctg. 420, v. 9 – 10)

[E bendito os panos em que foste embrulhada
e também o seio de que recebeste a mamada.]

e, depois, sobre o leite com que ela, a Virgem, alimentara o menino Jesus e o fizera crescer:

beeyta a ta leite onde foi governada
a carne de Teu Filho e creçud' e uviada
(op. cit., v. 33 – 34)

[Bendito o teu leite com o qual foi sustentada
a carne de teu Filho, e crescida e revigorada.]

Na Cantiga nº 422, o conteúdo é uma súplica que o poeta faz à Virgem. No refrão, pede que ela rogue por nós a seu Filho no dia do Juízo, explorando a homonímia entre o imperativo do verbo “orar” e o substantivo “[h]ora”:

Madre de Deus, ora por nos teu Filo essa' ora.
(ctg. 422, v. 3)

[Mãe de Deus, ora por nós a teu Filho, nessa hora].

A Cantiga se compõe de dezenove dísticos. O primeiro verso de cada dístico é uma oração subordinada, iniciada por “u”, com o valor temporal de ‘quando’, enquanto o segundo verso é a oração principal que contém a súplica, com um verbo no imperativo. Um dos dísticos menciona as

“tetas santas” de que Ele, o Cristo, mamou, pedindo à Virgem que as mostre aos santos espantados, quando ela chegar ao céu:

*U verás dos santos as compannas estampadas,
mostra-ll’as tas tetas santas que ouv’el mamadas.*
(op. cit., v. 13 – 14)

[“Quando vires dos santos os grupos espantados,
mostra-lhes os teus santos seios de que Ele mamou”.]

Como vimos nas seis cantigas citadas, o leite não foi aí instrumento do milagre narrado, mas um sinal da maternidade divina da Virgem, ao mesmo tempo que da natureza humana do Cristo. Esse leite opera como motivo poético eficaz, sem, entretanto, ser causa de qualquer milagre, isto é, sem realizar uma mudança no físico ou no espírito de qualquer personagem.

Há, porém, um poema em que o leite, ainda como sinal, se torna o agente de uma conversão religiosa. É a cantiga nº. 46, em que uma imagem de Santa Maria, feita talvez de madeira ou de pedra (o poema não o diz), mostra a um mouro os seios em carne viva e deles faz jorrar leite. Conta o poema que um chefe mouro fora ao Ultramar em guerra contra os cristãos e voltara carregado de rico botim, que repartiu com os seus. Mas desse botim retirou e guardou para si próprio uma imagem da Virgem, mandando colocá-la em um lugar elevado, envolta em panos tecidos de ouro. Amiúde o mouro ia ver a imagem. E então punha-se a pensar que não podia crer que Deus, tão grande como era, pudesse ter encarnado, e muito menos em corpo de mulher, para depois andar pelo mundo. E prometia que, se Deus lhe provasse isso, ele se tornaria cristão e se faria crismar com os seus mouros. Mal acabou esse pensamento, o mouro viu a imagem mostrar seus seios, não na matéria inanimada da escultura, mas de carne viva. E deles jorrava leite em abundância. Chorando, o mouro chamou um clérigo para que o batizasse e também aos mouros da *oste* (tropa) que comandava.

Nessa cantiga, a conversão da matéria bruta da imagem na carne viva dos seios funciona como uma metáfora da conversão do mouro ao cristianismo. É um belo milagre, na verdade. Porém, mais impressionantes são os milagres de nº 54, 93 e 404, nos quais o leite de Santa Maria funciona como instrumento de curas.

Na Cantiga nº. 54, o poder curativo do leite de Santa Maria já aparece desde o título:

*Esta é de como Santa Maria guaryu con seu leite
o monge doente que cuidavan que era morto.*

[Esta (cantiga) conta como Santa Maria curou com seu leite
o monge doente que julgavam que estivesse morto.]

O milagre consiste na cura de um monge da ordem de Cister, que era sério, letrado, humilde e devoto da Virgem. A ela fazia suas orações numa capela pequenina, onde também dizia as horas canônicas. Vivendo nessa santidade, teve uma doença maligna na garganta que não lhe permitia comer sequer uma bolacha. E a ferida cheirava tão mal como um cadáver. Já unguído pelos frades, que o julgavam morto, veio vê-lo a Virgem Maria. Com uma toalha que trouxe, Santa Maria limpou-lhe as chagas e lavou-as com seu leite:

*(...) e pois tirou a sua teta do sêo
santa, con que criou aquele que vêo
por nos filhar nossa carne mesquã.
(...)*

*E deitou-lhe na boca e na cara
do seu leite. E tornou-lla tan crara
que semellava que todo mudara
como muda penas a andorã
(ctg. 54,v: 56 – 63)*

*[(...) e depois tirou do peito o seu santo seio
com o qual criou Aquele que veio (ao mundo)
para tomar nossa carne mesquinha.]
(...)*

*[E deitou-lhe na boca e no rosto
um pouco do seu leite. E tornou-lhe a pele tão clara
que parecia que toda ela mudara
como muda penas a andorinha.]*

Então o monge se levantou, causando grande medo aos companheiros. Mas, passado o susto, tocaram a campainha para reunir toda a comunidade do convento. E deram louvores a Santa Maria por esse milagre maravilhoso, cujo resultado o poema resume com uma bela comparação: o monge mudou toda a pele como a andorinha muda as penas (“semellava que toda mudara / como muda penas a andorã” v: 62 – 63).

A Cantiga nº. 93 conta como Santa Maria curou o filho de um burguês, que era leproso havia três anos. O moço era bonito, letrado, alegre, mas dado ao vício da concupiscência (*mais tod’aquele viço que a carne praz / fazia*: mas praticava todo vício que dá prazer à carne). Nessa vida devassa, contraiu a lepra. E, tanto sofreu que nada quis do mundo, indo esconder-se numa ermida. Lá, durante três anos de sofrimento constante, rezava a Ave Maria mais de mil vezes por dia, implorando a piedade da Virgem. Depois desses anos de retiro e oração, apareceu-lhe Santa Maria, dizendo-lhe que, dali em diante, não queria que esse mal o fizesse sofrer. E então passou a ungi-lo com o seu leite:

*Quando ll'est' ouve dit', a teta descobriu
e do seu santo leite o corpo ll' ongiu;
e tan tost' a gafeen logo del se partiu,
assi que o coiro ouve tod' a mudar.
(ctg. 93, v: 37 – 40)*

[Depois que lhe disse isso, descobriu o seio
e com o seu santo leite lhe ungiu o corpo
e imediatamente a lepra saiu dele,
de tal forma que mudou toda a pele.]

Também nesta cantiga, a cura da lepra tem como sinal imediato a mudança de toda a pele, o que, por seu turno, simboliza a mudança interior do filho do burguês.

Na Cantiga nº 404, diz o título que Santa Maria, com seu leite, cura um jovem clérigo seu devoto de grande enfermidade, no fundo uma misteriosa doença deformante, que vem de dentro, começando na garganta e estendendo-se a todo o rosto, desde o pescoço. O leite é mencionado não só no título da cantiga, mas também no refrão

*Non é sem guysa d'enfermos sãar
o santo leyte que Deus quis mamar.
(ctg. 404, v. 3 – 4)*

[Não é sem propósito que cure enfermos
o santo leite de que Deus quis mamar.]

E ainda na primeira estrofe:

*Toller deve mal e aduzer ben
o leite que criou o que nos ten
en seu poder e nos fez de non ren
e desfará quando lle semellar
(op. cit., v. 5 – 8)*

[Deve tirar o mal e trazer o bem
o leite que criou Aquele que nos tem
em seu poder e nos fez do nada
e nos desfará quando lhe aprouver.]

Como nas duas cantigas precedentes, o beneficiário do milagre, um “crerizon”, isto é, aprendiz de clérigo, tinha muitas qualidades: era nobre, formoso de corpo e de rosto, letrado e de bons costumes; sabia cantar e ler bem e praticava de bom grado a caridade, repartindo seus haveres. Apesar dessas qualidades era um grande pecador, fazendo más obras mais rápido que o próprio demo (*non leixav' ao demo fazer / obras que xas ant' el non foss' obrar*: não deixava que o demo fizesse obras que antes ele mesmo não fosse fazer). Todo esse mal, entretanto, não o impedia de amar Santa Maria mais do que a qualquer outra coisa. Onde visse um seu altar, ele se ajoelhava, contemplando a sua imagem, e a louvava assim:

*Entre as molleres bẽeita es tu
ca tal como ti, u acharán, u?
Ca tu parist' o bon sennor Jesu
Que fez o ceo e terra e mar.*

*Porend' o teu ventr'u s' el encerrou
bẽeito seja, ca en el fillou
carne teu Fillo, que Deus enviou
por salvar-nos e por a ti onrrar.*

*E as tas tetas que el mamar quis
bẽeitas sejam, ca per elas fis
somos de non yrmos, par San Dinis,
a ãferno, se per nos non ficar.
(op. cit., v. 35 – 48)*

[Entre as mulheres bendita és tu,
pois tal como tu, onde acharão outra, onde?
Pois tu pariste o bom Senhor Jesus
que fez o céu a terra e o mar.

Por isso, o teu ventre onde Ele se encerrou
bendito seja, pois nele se encarnou
teu Filho, que Deus enviou
para nos salvar e para te honrar.

E os teus seios de que Ele quis mamar
benditos sejam, pois por eles certos
estamos de não irmos para o inferno, por São Dinis,
a menos que seja por nossa culpa.]

Mesmo sendo o “crerizon” tão devoto, os seus pecados o fizeram cair em terrível enfermidade: foi tomado por um frenesi que lhe transtornou a cabeça. Enlouqueceu a tal ponto que comeu a própria língua e mordeu os beijos até desfazê-los, só não os comendo porque não lho permitiram. A boca e o nariz incharam tanto que se igualaram com a nuca e o resto do rosto. Estando já para morrer, veio o seu anjo, que se pôs a chorar e a implorar à Virgem, pedindo-lhe que se lembrasse daquele pecador que antes a saudava de joelhos.

Contou à Virgem que sua língua, ele a comera como um cão, e também seus beijos. Pediu mais, como seu anjo protetor, que a Virgem o salvasse da perdição e não permitisse que, por causa de seus pecados, o demo o levasse para o inferno. Logo apareceu a Mãe de Deus, respondendo que vinha trazer a cura ao “crerizon”:

*E enton a sa teta descobriu
e de seu leit' o rosto lle ungiu
e os peitos, e assi o guarriu
que con sabor o fez adormentar.*

E pois dormiu com' ome são sol

dormir, sãou do mal ond' era fol;
(op. cit., v. 95 – 101)

[E então descobriu o seu seio
e com seu leite lhe ungiu o rosto
e os peitos, e de tal forma o curou
que o fez adormecer de prazer.

E depois que dormiu como um homem são costuma
dormir, curou-se do mal que o enlouquecera.]

E assim termina o poema, dizendo que o jovem clérigo, já curado do mal que o fizera enlouquecer, compreendeu o quanto ganhara ao entregar-se a Santa Maria.

Com essa rápida apresentação da Cantiga nº 404, encerro o levantamento de alguns poemas afonsinos em que o Rei Sábio fala do leite de Santa Maria, algumas vezes usando-o como motivo poético, outras vezes mostrando-o como instrumento de cura, em algumas cantigas de milagre.

Não gostaria de caminhar para a conclusão deste trabalho sem levar em conta uma possível contestação por parte de quem conheça a excelente obra *Peregrinações e livros de milagres na nossa Idade Média* (2. ed., 1957), do Padre Mário Martins S. J. O eminente jesuíta recomenda, à página 33, que “tenhamos alguma cautela na interpretação de certas expressões – *leite de Nossa Senhora*, por exemplo”. Segundo ele, esse leite “não passa duma terra branca a que anda ligada uma lenda antiga”. E cita Frei Pantaleão de Aveiro, que, narrando sua peregrinação de 1563 a Santa Cruz de Coimbra, diz ter encontrado no caminho uma grande fuma, cuja terra, de cor branca, se desfaz como farinha e, dissolvida em água, “tem particular virtude de acrescentar o leite de Nossa Senhora, e affirmão que esteve ella alguns dias naquele lugar escondida com o menino Jesu e o Santo Joseph, antes que fossen para o Egypto, e que con seu leite divino, do qual por sua vontade derramou ali algumas gotas, santificou aquela terra, dando-lhe aquela virtude”.

O testemunho de Pantaleão de Aveiro sobre a “particular virtude’ daquela terra, de aumentar o leite às fêmeas que amamentam” – testemunho endossado por Mário Martins –, refere-se a fenômeno natural que ocorre também em pontos do interior do Brasil, onde se dá “água de cal” às mulheres no período do aleitamento, para aumentar-lhes o leite.

Ora, esse costume, que tem base científica (a presença do cálcio na composição do leite), não se confunde com fenômenos de ordem sobrenatural como aqueles que atestam as virtudes curativas do leite de Santa Maria nos poemas afonsinos. Além disso, trata-se aí de um “motivo poético” que o Rei Sábio soube explorar de uma forma magistral, atingindo uma verdade poética que, como sempre, não tem nenhum compromisso com a verdade histórica, nem com a verdade científica. Aliás, o próprio Mário Martins pede ao seu leitor que “mergulhe na Idade Média” época em que “o mundo era maravilhoso, todo cheio de sobrenatural e de milagre” (op. cit, p. 8). Observe-

se que a passagem da Sagrada Família pelo caminho de Santa Cruz de Coimbra na fuga para o Egito contraria a verdade histórica e desafia as leis da verossimilhança. Mas isso não impede que a lenda se forme no imaginário, justificando ou explicando um comportamento antigo na cultura popular.

Quanto às “cantigas de milagre” de Dom Afonso X, como seu nome indica, narram acontecimentos não da ordem do racional, mas da ordem do imaginário. Os poemas, ainda que versando temas pertinentes ao sagrado, não são objetos de fé, nem de culto. São objetos de arte, de beleza. Para bem apreciá-los, é preciso estar aberto à poesia e mergulhar na Idade Média, como recomenda Mário Martins ao seu leitor.

Espero que, nos dez milagres aqui referidos, tenha sido possível mostrar como o grande Poeta pôs em destaque a maternidade da Virgem, considerando-a uma das suas mais excelsas qualidades. A essa maternidade, consentida e assumida, a humanidade deve a encarnação do Cristo Salvador, que nasceu menino entre os homens e se criou com leite de mulher.

Nada de mais natural, pois, que tal leite inspirasse os poetas cristãos, quer oferecendo-lhes um simples motivo para sua escrita poética, que aparecendo como móvel da ação, isto é, como instrumento de um milagre, que pode gerar a transformação de uma personagem, tanto no corpo, quanto no espírito e no comportamento. Essa mudança física, espiritual e psicológica do homem, que aparece nos poemas narrativos afonsinos, integra-se, sem dúvida, nos mais belos milagres operados por Santa Maria. E ela os opera, muitas vezes, como seu leite de mãe – Mãe de Deus e Mãe dos Homens.

Referências Bibliográficas

AFONSO X, O SÁBIO, [1959-1972]. *Cantigas de Santa Maria*. Coimbra: Acta Universitatis Conimbrigensis, 4 v.

AFONSO X, EL SABIO, [1986-1989]. *Cantigas de Santa Maria*. Madrid: Clássicos Castalia, edición, introducción; y notas de Walter Mettmann, 3v.

AFONSO X, EL SABIO, [1979]. *Cantigas de Santa Maria*; “códice rico”. Madrid: Edilán.

CASTRO, B. M., [1996]. *Sexo, diabo e loucura nas Cantigas de Santa Maria*. Belo Horizonte, PUCMinas. Dissertação de Mestrado.

RODRIGUEZ, A. D., [1984]. *Imágenes de la mujer en el arte español*. In: *Actas de las terceras jornadas de investigación interdisciplinaria*. Madrid. Ed. Universidad Autónoma de Madrid.

RODRIGUEZ, A. D., [1998]. “*Compassio*” e “*co-redemptio*” em las *Cantigas de Santa Maria*. Madrid: Consejo Superior de Ivestigaciones Científicas.

MARTINS, M. S. J., [1957]. *Peregrinações e livros de milagres na nossa Idade Média*. 2. ed. Lisboa: Brotéria.

VASCONCELOS, J. L., [1905]. *Religiões da Lusitânia*. Reimp. fac.similada da 1. ed. Lisboa: Imprensa Nacional, 3v.